

SINAL ABERTO PARA O ADMINISTRADOR

Presidente do Conselho Regional de Administração/RJ, Wagner Siqueira faz uma avaliação dos cursos da área e traça um histórico do desenvolvimento da carreira.

Publicado no Jornal Folha Dirigida nº 997 - 31/01/2002 - Caderno Educação

"O ensino caiu em todos os cursos e mais em Administração, porque é o mais barato"

Por Maria Cristina Siqueira

- O mercado de trabalho do administrador é extremamente generoso, tanto que o médico e o engenheiro fazem MBA, e o advogado também. Eles não têm emprego na profissão deles, aí vêm para a Administração.

É o que afirma o presidente do Conselho Regional de Administração e membro do Conselho de Educação do Estado do Rio de Janeiro, Wagner Siqueira, 55 anos. Para justificar sua convicção, ele informa que no Brasil há dois milhões de empresas, mas apenas 300 mil administradores têm registro profissional no conselho. Siqueira atribui esta desproporção às mudanças que o capital especulativo imprimiu no mundo das organizações, quando o país experimentava seu modelo de hiperinflação.

- De administrador e louco todos têm um pouco e os balanços das organizações mostravam mais rendimentos com a aplicação de capital, que com seu próprio negócio. E, neste tipo de cultura econômica, o que se precisava era de um esperto para negociar boas aplicações - diz.

Mas com a estabilização da moeda, as empresas passaram a olhar de frente para seus próprios produtos e a buscar soluções internas para se expandir num mercado cada vez mais competitivo, inflacionado de ofertas e carente de idéias. Segundo ele, a nova economia representa o apogeu do administrador. Nesta entrevista concedida durante visita à Folha Dirigida, Wagner Siqueira fala da história das empresas no Brasil e de economia, usando como viés a formação e a carreira dos administradores de empresas. Durante a conversa, ele antecipa um projeto em andamento, que visa a certificação dos profissionais a partir de uma prova, a ser aplicada pelos conselhos regionais de administração.

Veja a entrevista:

Folha Dirigida - Quais as principais questões da administração no mercado profissional?

Wagner Siqueira - A compreensão da sociedade de que precisa profissionalizar a sua gestão. O Brasil viveu durante muitos anos um processo de desenvolvimento econômico baseado no que eu chamo de homossexualismo econômico, quer dizer, o capital transava com o capital para gerar mais capital, em vez de o capital se relacionar com o trabalho, para que através desses dois fatores se obtivessem maiores lucros. Cada vez mais a produção estava centrada não no seu próprio negócio, mas na aplicação financeira. Os balanços das organizações mostravam mais rendimentos nos lucros da aplicação de capital que no seu próprio negócio. Neste tipo de cultura econômica só se precisa de um esperto para negociar boas aplicações.

Folha Dirigida - A inflação gerou a admissão de profissionais de outras áreas nas vagas de administradores?

Wagner Siqueira - Isto já existia antes. A verdade é que os espaços foram sendo ocupados por qualquer um, por leigos que não tinham nenhuma formação, que eram apenas inteligentes, porque de administrador e louco todo mundo tem um pouco. Por outro lado, tinha-se um mercado fechado. A economia brasileira podia produzir praticamente tudo, com baixa qualidade, e ainda tinha um sistema de troca com produtos importados que hoje é inexistente. Se o povo só podia comprar um tipo de veículo, ele comprava aquele tipo de veículo em 10, 20 anos de atraso. Então não havia a necessidade de qualificação do processo

industrial, de melhora dos equipamentos, visto que a economia brasileira era ampla e capaz de produzir praticamente tudo o que a sociedade precisava, com baixa qualidade e altíssimo custo. Quando se ia calcular o custo, observava-se a taxa de inflação, mil por cento, dois mil por cento, colocava-se a taxa da ganância, e a população pagava por isso.

Folha Dirigida - De qual momento o senhor está falando exatamente? A carreira de administração existe há 60 anos. A partir de quando o mercado se reservou para ela?

Wagner Siqueira - Estou falando dos anos 60 para cá. A profissão surgiu em 1938, com a criação do Departamento Administrativo do Serviço Público (Dasp), que veio para organizar a administração pública na Era Vargas. Vargas se baseava na propaganda, nas relações com a sociedade e nas relações administrativas e políticas com os municípios. O Dasp tirava a administração pública do âmbito da República Velha, modernizando-a. Junto com o Dasp, foi criado um cargo exclusivo, de técnico em administração, hoje Administrador.

Folha Dirigida - A necessidade do administrador foi gerada pelo serviço público?

Wagner Siqueira - Foi. E era o maior salário da época. Eram os concursos mais difíceis, o da Escola Rio Branco e o do Dasp. Os concursos atraíam os melhores quadros da sociedade, de todas as áreas. O Celso Furtado foi técnico em administração do Dasp e era especializado em organização de métodos. O primeiro plano econômico do país, feito no governo Dutra (Eurico Gaspar Dutra), "Saúde, Alimentação, Transporte e Energia", foi realizado pelo Dasp. E o que era o Dasp? O Ministério do Planejamento hoje, o Ministério da Administração hoje, parte do Ministério da Fazenda. Ele tinha funções de Fazenda, de Orçamento e Planejamento e também de Administração. Era um órgão forte, poderoso e importante. A segunda fase da profissão, em 1951, veio com a regulamentação da primeira escola da Fundação Getúlio Vargas, a Escola Brasileira de Administração Pública do Rio de Janeiro (EBAP), e depois a Escola de Administração de Empresas da FGV de São Paulo. Esse momento é muito importante, porque é quando se dá a construção do processo de bases do desenvolvimento brasileiro na área econômica, com o Plano de Metas. Com este plano, geram-se especialistas, economistas e gestores para os grupos operativos e executivos da indústria naval e automobilística, entre outras. Também são criadas as grandes empresas estatais, como a Petrobras e a Eletrobras. Não havia problema de emprego para administradores nessa época e foi aí que começaram a surgir outras universidades, como a Federal Fluminense, em Niterói.

Folha Dirigida - Quando as empresas privadas passaram a se interessar por estes profissionais?

Wagner Siqueira - No ciclo desenvolvimentista de Vargas. Com as multinacionais vindo para o Brasil, na segunda metade da década de 50, se passou a absorver essa mão-de-obra nas empresas privadas também. Na verdade, os grandes empregadores foram as estatais, mas as multinacionais não ficaram para trás e logo a seguir as grandes empresas brasileiras que surgiam, especialmente no sistema financeiro e industrial.

Folha Dirigida - A partir de quando a especulação financeira passou a definir o perfil dos administradores, a exigir-lhes competências mais de economistas e menos de gestão?

Wagner Siqueira - Isso foi mais tarde. De 1940 a 1973 os quadros não eram invadidos e o mercado de trabalho era extremamente generoso com os profissionais da administração. Quando chega em 73/74, com a crise do petróleo, que é um marco importante, pois o Brasil muda de modelo com a brilhante idéia de criar um resgate diário e não mais anual, as aplicações passam a ser feitas diariamente - o que gera mais perspectivas de crescimento não na organização do trabalho, mas no capital. Então a década de 70 gera um perspectiva de invasão, de perda de procura de profissionais da administração. É aqui que começa o interesse por profissionais habilitados a negociar e a participar do mercado financeiro. Não o mercado financeiro profissional, mas o especulativo. As empresas não procuram mais os administradores, os que entendem bem de orçamento ou de planejamento econômico, mas aqueles que têm uma boa relação com o gerente do banco e com aplicações financeiras.

Folha Dirigida - A estabilidade da moeda mudou esta relação. O que significou para a carreira de administração?

Wagner Siqueira - Hoje estamos assistindo a uma virada. O pior cego é o que não quer ver. Estamos vivendo uma revolução gerencial no Brasil. Não há empregos para engenheiros porque não se tem projetos, mas o mercado de trabalho para o administrador está farto. Quem faz MBA é porque não vê

saída na Engenharia e vem para a Administração.

Folha Dirigida - Como está a absorção deste profissional no mercado? O conselho dispõe de estatísticas com índices de empregabilidade?

Wagner Siqueira - Aí você tem uma questão básica. Esse mercado de revolução gerencial exige qualidade. Então vamos destacar as faculdades de Administração que não são como as demais. O ensino caiu em todos os cursos e mais em Administração, porque é o mais barato. Mas as boas faculdades de Administração empregam todos.

Folha Dirigida - O senhor, como presidente do Conselho Regional de Administração do Rio, apontaria os melhores cursos oferecidos no estado? Wagner Siqueira - Os do Instituto Brasileiro de Mercados de Capital (IBMEC), da PUC, da Fundação Getulio Vargas, que está voltando com seu curso de graduação, da UFRJ, da UERJ, da UFF, da Rural. Os profissionais que vêm destas instituições não enfrentam problemas de desemprego.

Folha Dirigida - O que há de social no gerenciamento de uma empresa? O administrador ao mesmo tempo em que lida com coisas, bens etc, precisa manter o foco nas pessoas. A escola dá esta competência?

Wagner Siqueira - Eu diria que a FGV tem uma ênfase no profissional como formador, como aplicador das Ciências Sociais. É um mundo de aplicações e de conhecimentos sociais. Acredito que o aluno da Fundação acaba se capacitando bem para isso. Ele tem uma capacidade diagnóstica muito boa, esse é o êxito que a FGV teve durante muitos anos. Ela acabou com a graduação, que agora está voltando, mas manteve o mestrado e o doutorado nessa perspectiva. O mundo das organizações é o mundo das Ciências Sociais. Você não precisa ser antropólogo, mas é preciso compreender as implicações do conhecimento da Antropologia, da História, da Ciência Política.

Folha Dirigida - O que é uma boa terceirização?

Wagner Siqueira - São aquelas em que determinadas funções devem ser contratadas pela empresa com necessidade, e não aquelas em que o patrão forma uma cooperativa e torna todo mundo cooperativado, mas continuando a fazer as mesmas coisas e ganhando as mesmas coisas, burlando a legislação, a Previdência, etc. Por isso só 43% dos trabalhadores brasileiros têm carteira assinada, contando os que contribuem, os que pagam INSS, Fundo de Garantia. Cinquenta e sete por cento não têm carteira assinada.

Folha Dirigida - O contingente de profissionais de administração sem carteira assinada é muito grande? O conselho tem este controle?

Wagner Siqueira - No Rio de Janeiro, temos 34 mil profissionais registrados. E cerca de 300 mil em todo o país. Se nós pegarmos a economia brasileira e observarmos todas as empresas que precisariam por lei de um responsável na área de Recursos Humanos como administrador, nós perceberíamos que tem mais empresa que número de profissionais. Então a evasão se dá por duas razões: primeiro que a gente não atende em termos de qualidade e segundo que a gente não atende em termos da quantidade. Imagine dois milhões de empresa e somente 300 mil registrados. Então, se tivermos profissionais qualificados, não vai faltar emprego formal para esses caras.

Folha Dirigida - Uma das funções do conselho não é fiscalizar?

Wagner Siqueira - A gente fiscaliza e tem milhares de processos para isso, mas é preciso que se compreenda que a demanda por esses profissionais é maior que a oferta.

Folha Dirigida - Quais competências os recém-formados precisam ter para conseguir um bom emprego? Qualquer um pode aprender a gerir uma empresa?

Wagner Siqueira - Ele tem que ter algumas competências fundamentais e outras que podem ser desenvolvidas. Você tem pessoas com maior vocação que outras, mas todas podem aprender a gerir e a administrar. Uma delas é a capacidade de pensar e esta anda meio esquecida. Robôs estão sendo formados, apêndices de computadores, pessoas que estão perdendo sua capacidade de pensar a realidade e desenvolver soluções adequadas. Não existe solução certa. Se existisse, era só chamar os especialistas para produzir um manual e colocar os computadores para gerir a empresa. Existem, sim, organizações

próprias e aquelas outras que se adequam ao problema. Na Idade Média, quando se queria curar alguém, fazia-se sangrias e a maioria morria. A vida das empresas são as pessoas. Toda organização tem pessoas se relacionando com pessoas para chegar aos devidos fins. Se você tem gente demais, é porque você recrutou gente demais sem um planejamento, enfim, houve falhas no processo de gestão.

Folha Dirigida - O senhor quer dizer que a principal atividade de um administrador está no departamento de recursos humanos?

Wagner Siqueira - Não, ele estaria no RH na medida em que se compreende que Recursos Humanos não é mais uma função de departamento de pessoal, mas de gerir pessoas. É uma responsabilidade que perpassa todas as funções de gestão da empresa, até de RH. O problema é que os departamentos de RH querem vencer as torres de marfim das empresas. Muitas vezes porque eles conhecem teorias de administração, de relações humanas, de psicologia, e acham que executivos não entendem nada do assunto. Eu diria que um bom gerente não é aquele que sabe muitas coisas, mas sim aquele que comportamentalmente traduz essas teorias em ações concretas. É melhor um gerente ser bom comportamentalmente que intelectualmente. É muito mais relevante a coerência de comportamento em executivos que não têm tão boas teorias, que a incoerência de comportamento de quem sabe muito.

Folha Dirigida - Saiu na última edição do jornal do Conselho Regional de Administração de São Paulo uma entrevista com o consultor Abrahan Chachamovits em que diz que toda organização precisa de um filósofo no comando. Como o senhor analisa este conceito?

Wagner Siqueira - Isto vai na mesma linha do que eu estou dizendo, mas quando ele diz que precisa ser filósofo, não é um filósofo para pensar a empresa, mas cabeças e pessoas em diversos níveis da organização com visões diferentes, pensando essa organização, seu departamento, sua unidade. Discutindo e conflitando, no sentido de contrapor as idéias.

Folha Dirigida - O empresário brasileiro está preparado para pagar um salário a um profissional cuja função seja pensar?

Wagner Siqueira - Uma visão de engenharia a curto prazo evidentemente predomina, mas a necessidade é a parteira da história. Se nós quisermos aumentar o processo produtivo brasileiro aumentando as exportações, ganhando mais prêmios... Mas nessas mudanças muitas coisas aconteceram. Agora tem o Procon, sistema de proteção do consumidor, que começa na década de 90. Isso aparentemente não influi em nada, mas na realidade influencia bastante nas empresas. Antigamente, quando a gente comprava um produto que não nos satisfazia, mandavam a gente reclamar com o bispo. Agora isso é piada. A partir do momento em que o Procon começa a contactar as organizações, todo mundo tem Serviço de Atendimento ao Cliente, Disque-Denúncia e coisas do tipo, o que antes era impensável. Eu mesmo tive dois projetos desses, um como deputado estadual e outro como vereador, e os dois foram vetados e caracterizados como inadequados pelo prefeito e pelo governador da época: Marcello Alencar e Leonel Brizola. Os brasileiros foram para o exterior e começaram a ver prestação de serviços. Por efeito demonstração, isso muda o tipo de aspiração e dever. Por outro lado, os produtos começaram a ser base de informação aqui como produtos mundiais, como o carro brasileiro que era uma carroça e hoje é um produto de exportação. Isso também muda a necessidade e o tipo de qualidade do produto.

Folha Dirigida - Como é o mercado de trabalho para o administrador nos países ricos?

Wagner Siqueira - Um dos indicadores dos países de primeiro mundo é o status, o prestígio do mundo dos negócios. Essa é uma dimensão que está começando a mudar aqui no Brasil. O profissional de gerência e as faculdades de Administração são muito procurados e prestigiados. No caso do Brasil isso não acontecia, porque a sociedade não valorizava esse profissional. E isso começa a mudar quando a gente vê um brasileiro gerente profissional atuando na Nissan ou dirigindo o Citibank. Já se vê a mudança nesses grandes cargos, mas também em cargos intermediários, quando o sistema internacional econômico começa a valorizar os profissionais de gerência em Administração. Então eu diria que o indicador de desenvolvimento econômico é o grau de prestígio que aqueles que atuam em gerência têm na sociedade. E, no Brasil, ele era muito baixo.

Folha Dirigida - As empresas estrangeiras implantadas no Brasil buscam seus administradores no mercado local?

Wagner Siqueira - Estamos assistindo a um fenômeno gravíssimo, que é a importação maciça de

profissionais vindos do exterior, especialmente para os quadros de poder. O Brasil tem tido uma política bastante generosa nesse caso, porque os países europeus e americanos, por exemplo, protegem com muito mais força seu mercado de trabalho. O processo de privatização da economia brasileira e o processo de desnacionalização das propriedades das empresas brasileiras geram um verdadeiro cavalo de Tróia, porque os executivos internacionais, que não têm mercado lá fora, ganham aqui em dólar. E não é só em Administração. A pessoa vem com visto de turista para burlar a legislação, tipo o engenheiro que vem como desenhista. Durante algum tempo o Ministério do Trabalho começou a abrir processos, colocando o nome da empresa no seu site e descobrimos, por exemplo, que a Petrobras era a empresa que mais trazia estrangeiros: 302 na época.

Folha Dirigida - Estudar Administração no primeiro mundo marca um diferencial de qualidade para trabalhar no Brasil?

Wagner Siqueira - Não. A formação no Brasil é bastante adequada, tanto quanto em qualquer país do mundo. Eu diria que os MBAs da PUC ou do IBMEC, ou ainda da UFRJ, têm a mesma qualidade de cursos do exterior. Agora tem muito MBA que não. E é uma área onde o MEC deve atuar fortemente, pois hoje é uma bagunça.

Folha Dirigida - A chancela internacional não fortalece o currículo?

Wagner Siqueira - Sempre. Se você parte da perspectiva de um mundo globalizado, o que conhece do Brasil alguém que só conhece o Brasil? Nada. É preciso que você tenha a perspectiva do conhecimento internacional. Isso na formação do estudo ou na formação do trabalho, e essa situação tem acontecido muito. No entanto, é muito mais fácil o gringo trabalhar aqui no Brasil porque abrimos as portas às nações amigas e virou uma bagunça, uma casa da mãe Joana. Um engenheiro brasileiro para trabalhar precisa estar registrado no CREA e pagar a anuidade, se for administrador precisa estar registrado no conselho e pagar a anuidade, agora se for gringo não se registra, não valida seu diploma no MEC e trabalha normalmente recebendo em dólar. A nossa briga com o Ministério do trabalho é esta e estamos fiscalizando.

Folha Dirigida - Por que o senhor diz que o MBA brasileiro é uma bagunça?

Wagner Siqueira - Porque há poucos cursos de MBA que são sérios. Isso virou uma verdadeira indústria, um caça-níquel. Isso deveria estar sujeito às normas do Procon, tamanha a simulação. E embora sejam regularizados pelo MEC, está tudo correndo muito solto.

Folha Dirigida - O senhor acha que o Provão contribuiu para a melhorar os cursos de Administração?

Wagner Siqueira - Com certeza. Nós, da Administração, somos favoráveis ao Provão não como um fim em si mesmo, mas como o início de uma etapa que pode ser melhorada. O Provão contribuiu para balançar o coreto das faculdades privadas principalmente, fazendo com que elas se preocupassem mais com seu quadro de docentes, com a infra-estrutura educacional e pedagógica. O que o conselho trabalha agora é com um projeto de certificação não obrigatória, além do Provão. A visão do Provão é estática, ela faz a prova de suficiência ali e acabou. Nós queremos uma certificação que, por um período, garanta a qualificação daquele profissional. Mas ele faz essa prova se quiser.

Folha Dirigida - Seria como o Exame da Ordem, aplicado pela OAB para os advogados?

Wagner Siqueira - Não. O exame da OAB também é estático. A OAB faz prova de suficiência para que o profissional se registre. Nós estamos falando de depois de formado. Nós vamos oferecer uma prova de certificação e se ele for aprovado, ele vai sair com selo de qualidade.

Folha Dirigida - E o que falta para isto ser implantado? Será obrigatório?

Wagner Siqueira - Estamos imaginando implantar esse projeto num prazo de dois anos. Não será obrigatório, porque dependeria de lei. Na França e nos Estados Unidos existe esta experiência em Medicina e em Engenharia, mas no Brasil é inédito. E não é só uma discussão do conselho no Rio de Janeiro, é uma proposta discutida pelo Conselho Federal de Administração. Já que ela seria implantada nacionalmente, as regras estão sendo discutidas pelo Conselho Federal. Estamos dependendo dos acordos, na medida em que são 21 conselhos com interesses diferenciados.

Folha Dirigida - A Administração é uma profissão essencialmente masculina?

Wagner Siqueira - Cada vez mais ela passa a ser uma profissão com equilíbrio de sexos. Até pouco tempo era essencialmente machista, porque a cultura brasileira é machista, porque a empresa brasileira é autoritária. O produto mais autoritário da sociedade brasileira é a empresa. A empresa discrimina o negro, a mulher, o deficiente. Então a cultura autoritária bate muito na organização. Portanto, neste espaço a mulher tinha dificuldade. E está rompendo isso devido à competência e à formação. Numa faculdade de Administração, os bons alunos muitas vezes são mulheres.

Folha Dirigida - Os vestibulares têm registrado uma grande procura nos cursos de Administração. Na UFRJ, por exemplo, neste ano são 12 candidatos por vaga, ou seja: dois mil candidatos para 170 matrículas. Os vestibulandos estão atentos a esta abertura do mercado ou há outras questões movendo seus interesses?

Wagner Siqueira - Há uns anos, a perspectiva de ir para o curso de Administração era simplesmente porque a pessoa não gostava de Matemática e, portanto, não podia ser engenheiro. Era uma fuga. Hoje, a tendência dessa escolha é motivada pelo prestígio, pelo reconhecimento. E a maior parte desses jovens quer trabalhar na empresa privada.

Folha Dirigida - Qual a média salarial de um administrador iniciante no Rio de Janeiro?

Wagner Siqueira - São diversos níveis. Mas, em função gerencial a perspectiva vai de R\$1.500, para um profissional iniciante, até R\$5 mil. Mas é necessário ter dois, três idiomas, e Inglês fluente. O estudante bem qualificado tem estas condições. O domínio das línguas inglesa e espanhola é essencial, porque são as línguas mais faladas no mundo. E não basta mais falar só Inglês, precisa, além do Português, ter mais uma língua. Recentemente o Francês tem sido muito requisitado, por causa do retorno das empresas francesas.